

Mitos Mawé e Munduruku - Guaraná e as Serpentes que criaram a noite

Alcinei Pimentel Carneiro¹
Delma Pacheco Sicsú²

Resumo: A Mitologia dos Povos Amazônicos é um campo a ser estudado, analisado e compreendido para a preservação da identidade e memória cultural das populações nativas da região. O Mito do Guaraná dos Saterés Mawés e o das Serpentes que criaram a noite dos Mundurukus são exemplos de narrativas que relatam a origem de elementos ou símbolos que estão ligados a cultura dessas etnias. O Guaraná para os Mawés é o centro das explicações sobre sua origem e organização social e o das Serpentes que criaram a noite para os Munduruku é um despertar no seu povo, um amor a própria História, pelas lutas, pelas vitórias e derrotas transcorridas ao longo do tempo. É dentro da perspectiva mítica indígena que este artigo tem como objetivo mostrar a importância desses Mitos para a manutenção da identidade cultural da comunidade maueense, cuja origem está ligada a duas sociedades nativas, os Sateré Mawé e os Munduruku. Como aporte teórico para a discussão da temática em questão utilizou-se os estudos de Frederico Kruger, Nunes Pereira, Micea Eliade, Everardo Rocha, além de Walter Benjamin, Finley, Joseph Campbell, George Gusdorf, Figueroa e outros importantes estudiosos a respeito da temática.

Palavras-chave: Literatura Indígena. Mito. Identidade Cultural.

Abstract The Mythology of the Amazonian Peoples is a field to be studied, analyzed and understood for the preservation of the identity and cultural memory of the native populations of the region. The Guarana Myth of the Saterés Mawés and the Myth of the Serpents that created the night of the Mundurukus are examples of narratives that relate the origin of elements or symbols that are linked to the culture of these ethnic groups. Guarana for the Mawés is the center of explanations about its origin and social organization and that of the Serpents that created the night for the Munduruku is an awakening in their people, a love for their own history, for the struggles, victories and defeats that have taken place over the years. of time. It is within the indigenous mythical perspective that this article aims to show the importance of these Myths for maintaining the cultural identity of the Maueense community, whose origin is linked to two native societies, the Sateré Mawé and the Munduruku. The theoretical support for the discussion of the subject in question was the study by Frederico Kruger, Nunes Pereira, Micea Eliade, Everardo Rocha, Walter Benjamin, Finley, Joseph Campbell, George Gusdorf, Figueroa and other leading scholars on the subject .

Maués /Am
Agosto de 2019

¹ Acadêmico do curso de Letras...

² Professora do curso de Letras da Universidade do Estado do Amazonas, Mestre em Letras e Artes, Doutoranda em Literatura pela Universidade de Brasília

INTRODUÇÃO

Os povos indígenas da Amazônia têm muito a nos revelar com relação ao seu Universo Mitológico. Assim, para o homem amazônida contemporâneo, conhecer a Mitologia dos seus antepassados, é resgatar sua própria identidade e memória, bem como a formação cultural da população amazônica, resultado da miscigenação que ocorreu ao longo de todo o processo histórico a partir da colonização da região. Diante disso, surgiu um questionamento: Por que é importante compreender os mitos das sociedades indígenas Mawé e Munduruku para a comunidade maueense?

Os Mawés e Mundurukus, habitantes da área central da Amazônia fazem parte desse contexto mítico amazônico e nos propõe um desafio de compreender seus mitos que relatam as histórias de um tempo primordial, onde os heróis realizaram grandes feitos, cujas memórias vêm sendo ao longo dos tempos transmitidas de geração em geração através da oralidade. Assim este artigo tem como objetivo geral mostrar a importância do mito do Guaraná Mawé e das Serpentes que criaram a noite dos Mundurukus para a manutenção da identidade cultural da Comunidade Maueense, cujas origens dos moradores provém dessas duas sociedades indígenas. E como objetivos específicos identificar a identidade cultural maueense³ através dos mitos dessas etnias, analisando as categorias dos Mitos nas narrativas Guaraná Mawé e as Serpentes que criaram a noite Munduruku e compreender a função ideológica dos mitos nas narrativas em questão.

Estudar as manifestações indígenas dessas duas etnias, faz-se necessário para justamente compreendermos a importância não só para elas, mas principalmente para nós que somos resultado dessa mistura de culturas, visto que os mitos têm a função precípua de manter o *status quo* da coletividade que o criou. Para Pereira:

a rigor não há um *tempo mítico*, porque o mito, a história sagrada do cosmos, do homem, das coisas e da cultura, abole a sucessão temporal. O que quer que o mito narre, ele sempre conta o que produziu num tempo único que ele mesmo instaura, e no qual aquilo que uma vez aconteceu continua se produzindo toda vez que é narrado. (2000, p. 66)

Ao conhecermos e lermos as narrativas mitológicas indígenas, revivemos a memória desse tempo único, que nos liga às origens do mundo e das coisas. É importante entendermos a

³ Maueense – gentílico de quem nasce no Município de Maués (Am).

importância dessas Histórias, as marcas e traços que elas deixaram na vida, no cotidiano, na cultura dos Mawés e Mundurukus, principalmente em nós, caboclos, que provimos dessa mistura étnico cultural. As narrativas, em questão, têm assim muito a nos revelar a identidade étnico cultural da comunidade maueense através dos mitos do Guaraná e das Serpentes que criaram a noite.

1. MITO, CONCEITO E SUAS DEFINIÇÕES

O termo grego *mytos* significa dizer, falar, contar. Do apogeu do racionalismo grego até o início deste século, o mito tinha o sentido de fábula ou conto, uma fantasia das camadas mais simples ou menos esclarecidas da sociedade. O mito é, pois, uma resposta à tentativa arcaica e perene de responder às questões sobre a origem do mundo, dos elementos, dos fenômenos e outros. Desde o início dos tempos ele teve essa função: expressar a indagação do ser humano sobre o universo e sobre o próprio ser, perplexo diante de determinados fenômenos. A perplexidade, importante frisar, sempre esteve presente na vida do Homem, faz parte de sua História desde a aurora da pré-história.

E diante da perplexidade do Homem, surge o mito para dar respostas as suas indagações. Mito trata-se, assim, de uma narrativa utilizada desde a antiguidade para explicar fenômenos da natureza que não podiam ser compreendidos, como a origem do mundo, dos homens e dos animais. Porém, essa palavra pode conter inúmeras denominações e explicações, sendo um conceito amplo que se confunde com fatos reais e pessoas que existiram para contextualizar o que se pretende explicar. Para Rocha (2006, p.03),

O mito é uma narrativa. É um discurso, uma fala. É uma forma de as sociedades espelharem suas contradições, exprimirem seus paradoxos, dúvidas e inquietações. Pode ser visto como uma possibilidade de se refletir sobre a existência, o cosmos, as situações de "estar no mundo" ou as relações sociais. Mas, o mito é também um fenômeno de difícil definição. Por trás dessa palavra pode estar contida toda uma constelação, uma gama versificada de ideias. O mito faz parte daquele conjunto de fenômenos cujo sentido é difuso, pouco nítido múltiplo. Serve para significar muitas coisas, representar várias ideias, ser usado em diversos contextos.

Em sua essência, os Mitos são viagens, histórias e experiências vividas de nossos antepassados que movem nosso imaginário para além da realidade do mundo e buscam explicar as questões existenciais dos seres, dos elementos naturais, da estrutura social de determinada sociedade; são histórias conservadas ao longo do tempo e repassadas pela oralidade aos integrantes da comunidade a que pertence, revivida de forma constante à medida que ele é narrado.

Micea Eliade (1972) nos dá uma definição que julgou menos imperfeita ao mito, após uma análise nos contextos acerca da questão. Para o estudioso, o mito conta uma história sagrada; relata um acontecimento ocorrido no tempo primordial, o tempo fabuloso do "princípio". E ainda de acordo com o autor,

Em outros termos, o mito narra como, graças às façanhas dos Entes Sobrenaturais, uma realidade passou a existir, seja uma realidade total, o Cosmo, ou apenas um fragmento: uma ilha, uma espécie vegetal, um comportamento humano, uma instituição. É sempre, portanto, a narrativa de uma "criação": ele relata de que modo algo foi produzido e começou a ser. O mito fala apenas do que realmente ocorreu, do que se manifestou plenamente. Os personagens dos mitos são os Entes Sobrenaturais. Eles são conhecidos sobretudo pelo que fizeram no tempo prestigioso dos "primórdios". Os mitos revelam, portanto, sua atividade criadora e desvendam a sacralidade (ou simplesmente a "sobrenaturalidade") de suas obras. Em suma, os mitos descrevem as diversas, e algumas vezes dramáticas, irrupções do sagrado (ou do "sobrenatural") no Mundo. É essa irrupção do sagrado que realmente fundamenta o Mundo e o converte no que é hoje. E mais: é em razão das intervenções dos Entes Sobrenaturais que o homem é o que é hoje, um ser mortal, sexuado e cultural. (ELIADE, 1972, p.06)

Desde então, Mito foi e é a bússola que norteou a vida dos povos antigos ao longo do tempo. Conforme Rocha (1996), o mito é capaz de revelar o pensamento de uma sociedade, a sua concepção da existência e das relações que os homens devem manter entre si e com o mundo que os cerca. O mito não é uma mentira como muitos imaginam, ele é verdadeiro para quem o vive, sendo bem mais do que um simples contar de história. A veracidade do mito não obedece à verdade da lógica, podendo-se concluir que o mito é um relato do que se quer explicar, visto como uma forma de registro da história que não foi só difundida historicamente, ele é a própria história, ao passo que a mitologia é o conjunto desses episódios históricos acontecidos nas civilizações antigas.

Segundo Finley (1989), na Grécia antiga, muitos mitos foram criados para que deste modo os gregos pudessem passar mensagens, preservando a memória histórica de seu povo. Muitos destes mitos chegaram até os dias de hoje e, por serem histórias riquíssimas em diversas áreas da sociedade, se tornaram fontes importantes de informações que nos ajudam a entender a história da civilização. Os gregos amavam seus épicos e tragédias porque os faziam lembrar de seus ritos, sendo de grande importância para cada indivíduo e de maior importância para as comunidades.

Por meio do mito era possível explicar o que estava acontecendo no grupo durante determinado momento e assim, poderiam encontrar soluções para seus conflitos, bem como respostas para suas inquietações.

Everardo Rocha (1991) argumenta acerca do caráter simbólico do mito. “Esta é a graça do mito. Ele há de ser sempre desafio, abertura, enigma. É livre e sábio o suficiente para não temer a morte, não se deixar escravizar por conceitos que o obriguem a ser isso ou aquilo e só”. (ROCHA, 1991, p. 16).

Portanto, o Mito, é a tentativa de dizer o indizível. O ser humano, desde sua origem, busca este encontro com suas raízes ancestrais; é algo maior do que ele mesmo. De muitos modos, o mito tenta comunicá-lo falando do inefável, do sagrado, do mistério, dos deuses. Narrado, vivido, revivido e transmitido por um grupo humano ou experimentado por um indivíduo. Nele, o encontro com o sagrado é descrito como um misto de espanto, fascinação, temor e respeito.

1.2 - MITO NAS SOCIEDADES INDÍGENAS AMAZÔNICAS

A mitologia dos povos indígenas da Amazônia nos oferece um vasto campo a ser estudado e analisado para preservação da identidade das próprias etnias, como também de nossa própria identidade, enquanto herdeiros diretos dos povos que aqui habitaram. E todo esse contexto mitológico nos é revelado pelas comunidades nativas através da oralidade feita pelos narradores indígenas. O papel do narrador, nesse sentido, é fundamental para a manutenção e circulação dessas narrativas. Para Benjamim (1978),

O narrador retira da experiência o que ele conta: sua própria experiência ou a relatada pelos outros. E incorpora as coisas narradas à experiência dos seus ouvintes. [...]. O narrador figura entre os mestres e os sábios. Ele sabe dar conselhos: não para alguns casos, como o provérbio, mas para muitos casos, como o sábio. (p. 201, 221).

No dinâmico *continuum* entre a voz e a memória, as experiências vividas são perpetuadas e atualizadas pelo contar que, ora recriando, ora mantendo o forte lastro com a tradição, tece o tempo mesmo. São as muitas e diferentes camadas erigidas entre a voz e a memória, camadas estas que se inscrevem e se esvaem do corpo, em forma de tremores, suores e outros sentimentos e sensações, e para o qual retornam como novas vivências. Esse acervo memorial é constituído na urdidura das experiências do passado e do presente e, quando tem na figura do narrador seu porta-voz, tais experiências assumem o caráter de aconselhamento e de pedagogia, pois as palavras enunciadas por ele, o narrador, tratam, não apenas do relato alheio,

mas também da incorporação dessa vivência junto às dele; daí que durante muito tempo esse artífice da palavra foi considerado um sábio. Ainda, Benjamin, afirma que, “[...]. o narrador figura entre os mestres e os sábios. Ele sabe dar conselhos: não para alguns casos, como o provérbio, mas para muitos casos, como o sábio”. (1987a, p. 201, 221).

É por meio desse artesão, o narrador, que as palavras presentificam e atualizam, em certa medida, os mitos, os saberes, os costumes e as tradições que acabam por preservar e manter a coerência social do grupo. Em algumas sociedades de cultura predominantemente oral, a figura do narrador tradicional assumiu um papel quase místico, tal seu poder diante da comunidade.

Os mitos são histórias sagradas de enredos fantásticos das sociedades indígenas, narrados oralmente e descrevem a origem do mundo, das coisas, além dos feitos heroicos dos antepassados, repassados às gerações e revividos, para a preservação da identidade cultural desses povos. Por sua vez, os mitos têm extrema importância cultural para as sociedades indígenas porque explicam, através da oralidade, como surgiu determinado ser ou elemento. Krüger (2006, p.19) em *Amazônia – Mito e Literatura* afirma que “os mitos têm a função precípua de manter o *status quo* da coletividade que o criou”, isto é, mantém a unidade étnica, preservando a identidade cultural e deve ser respeitada por todos.

As sociedades indígenas mantem uma forte ligação com o meio em que habitam, por isso as tradições são ricas no que se refere à produção cultural. Para Vanderléia Mussi (2014), os indígenas criam mitos para contar suas histórias e o que sentiam, pois ele tem uma linguagem essencialmente simbólica, originada da cultura específica de cada sociedade, dentro de seus conceitos culturais, levando-os a uma reflexão de como foi o passado da sociedade em questão, de como ela é no presente e como pode ser no futuro.

Os Mitos Indígenas, sob essa análise, são a base da unidade tribal que une o tempo imemorial ao presente, sendo revivido nas narrativas contadas pelos anciões às novas gerações, perpetuando a tradição que atravessa os séculos para manter-se viva e garantir a instabilidade cultural, política e social das comunidades étnicas da Floresta Amazônica.

1.3 MITOS NA IDENTIDADE CULTURAL DE UMA SOCIEDADE

Os Sateré-Mawé, inventores da cultura do guaraná, domesticaram a trepadeira silvestre e criaram o processo de beneficiamento da planta, possibilitando que hoje, o guaraná, seja conhecido e comercializado no Brasil e no mundo. Os Saterés Mawés, segundo Uggé (1997)

são descendentes das tribos denominadas no passado pelo nome de Andirá e Maraguá, faz parte da área cultural Tapajós-Madeira, na divisa dos Estados do Amazonas e Pará. De acordo com Pereira (2003), o contato dos Mawés com os brancos tem data mais remota, apontada por Curt Nimuendaju em 1669, quando frei Felipe Bedendorf registrou a existência da Aldeia de Maguases⁴(atual cidade de Maués) da planta do Guaraná, é de que esse contato se verificou, muito além das margens do Tapajós, mercê das atividades dos Jesuítas, e, principalmente, através dos viajantes descidos do Alto Madeira e dos Altos Arinos, para lhes comprar Guaraná em troca de ouro e de gêneros estranhos a sua cultura.

Munduruku, povo de tradição guerreira, dominava culturalmente a região do Vale do Tapajós que nos primeiros tempos de contato e durante o século XIX era conhecida como Mundurucânia. Hoje, suas guerras contemporâneas estão voltadas para garantir a integridade de seu território, ameaçado pelas pressões das atividades ilegais dos garimpos de ouro, pelos projetos hidrelétricos e a construção de uma grande hidrovía no Tapajós. Os Mundurucus segundo Reis (1934), assim como os Mawés tiveram efetiva participação na formação cultural da população do Município de Maués, denominada no final do século 18, Uacituba, posteriormente Luséa. “Os capitães de ligeiros José Rodrigues Porto e Luiz Pereira, da Cruz reuniram duzentos e quarenta e três famílias de Mundurucus e Maués, lançando os fundamentos de outro povoado, à margem direita do Rio Maués Assú” (REIS. 1934.p.124).

As narrativas mitológicas extraídas do imaginário indígena evidenciam a literatura oral dos povos nativos da Amazônia brasileira, o que revela que o seu campo mítico é de pesquisa científica, deve ser estudado pelos amazônidas, mostrando sua importância para comunidade amazônica. E dentro desse contexto mítico indígena temos o mito do Guaraná dos Mawés extraído da obra Nunes Pereira (2003) e a Criação da Noite dos Mundurucus de Daniel Munduruku (2001), os quais mostram a relevância dessas narrativas para a manutenção da identidade cultural dessas sociedades, e principalmente da comunidade de Maués (AM), cuja população provém dessas duas importantes etnias. E o homem de Maués, que vive na região entre os Rios Madeira e Tapajós, conhecida como Mundurucânia, é herdeiro dessa riqueza mítica cultural conservada por essas comunidades étnicas e que, apesar de todo o processo de colonização feito pelos Europeus, mantem vivas suas tradições e memórias através dos seus mitos, sendo estes inerentes à natureza.

⁴ Maguases – Aldeia fundada pelos Jesuítas que deu origem a Cidade de Maués/Am.

Os mitos em questão apresentam essa íntima relação com a natureza Amazônica, envolvendo personagens pertencentes a cultura ou animais da fauna da região, mostrando que o indígena mantém consolidada essa ligação, enriquecida com seu imaginário.

Os mitos, efetivamente, narram não apenas a origem do Mundo, dos animais, das plantas e do homem, mas também de todos os acontecimentos primordiais em consequência dos quais o homem se converteu no que é hoje — um ser mortal, sexuado, organizado em sociedade, obrigado a trabalhar para viver, e trabalhando de acordo com determinadas regras. Se o Mundo existe, se o homem existe, é porque os Entes Sobrenaturais desenvolveram uma atitude criadora no "princípio. (ELIADE. 1972. p 10).

Em outras palavras o indígena Amazônico não se vê separado da natureza, mas parte integrante desta, vivendo em harmonia com a mesma, preservando e cuidando, pois ela lhe garante o sustento e a sobrevivência.

Um ponto preponderante que vale destacar observado nas citações dos autores que fundamentam esse trabalho é que os Mitos Indígenas fortalecem as histórias de vidas coletivas dessas comunidades e dentro dessa perspectiva faz-se necessário preservar os *Mitos do Guaraná* dos Mawé e os *Das Serpentes que criaram a noite* dos Mundurukus, pois conservam a unidade cultural das mesmas. O Guaraná também nos apresenta uma expressiva influência no cotidiano da população do Município de Maués, pois o consumo do produto é frequente pelos moradores antigos (çakpó ou Wará na língua Mawé) e dos mais jovens por meio do turbinado (bebida energética que contém ingredientes naturais), bem como a realização anual da Festa do Guaraná criada em 1979 para divulgar o produto que é uma das bases da economia municipal.

Daniel Munduruku (2001) dentro de sua reflexão nos diz que os Mitos da etnia, entre eles Os das Serpentes que criaram a noite, são histórias reais e marcam profundamente o modo de ser dessa sociedade. É uma das bases que os mantém vivos e isso significa dizer que as memórias são revividas e repassadas de geração a geração para que as tradições culturais se mantenham conservadas ao longo do tempo. Os Mundurukus na atual Maués são apenas mencionados nos registros históricos, mas ainda existem descendentes na sede municipal, como também em aldeias Mundurukus no Rio Paraconi na divisa com Município de Nova Olinda do Norte e descendentes na Comunidade Ribeirinha de Santo Antônio do Muçajá no Rio Parauari, na zona rural de Maués.

Krüger (2005) destaca que o mito, como produto de determinada estrutura social, tem diferentes funções, dentre as quais a mais explícita é a etiológica porque estuda as causas,

porém, a melhor que o fundamenta é a ideológica, entendendo-se como tal a proposta de coesão da comunidade que o gerou. Então, neste sentido os mitos Mawés e Munduruku aqui analisados tem função ideológica⁵ porque eles se refletem nas ações econômicas, culturais e sociais das duas sociedades indígenas, como também da comunidade maueense, herdeira dessa herança cultural.

Assim, de acordo com Joseph Campbell (1988), os Mitos em suas funções sustentam-se na consciência, ordem, cultura e compreensão da vida. Isto é, reconhecimento da dimensão do ser, interpretação deste espelhando-se na época em que é vivido o mito, validação e apoio a uma ordem moral específica – aquela ordem da sociedade de onde surgiu a própria mitologia para suprir a necessidade humana atribuindo sentido à sua existência. E neste sentido Os Mitos do Guaraná dos Mawés e o Das Serpentes que criaram a Noite dos Mundurukus, apresentam essas funções que mantem a Identidade étnica das mesmas, como também da Comunidade Maueense porque herdaram dos antepassados indígenas, elementos e traços culturais encontrados nas manifestações folclóricas, artísticas, no cotidiano e nos valores de caráter social dos moradores do Município.

O homem primitivo não pode ser encarado como o negativo de nossa civilização, mas sim como sua matriz primordial. Não nos deve espantar a afirmação de quanto o homem de hoje muito deve a ele. A questão da identidade se dá na medida da importância e do significado do mito, criando uma especificidade para determinado povo. É a partir da aceitação do mito que se estabelece ou ocorre à influência no homem e refletida no seu comportamento, dando-lhe, um caráter sagrado, que se refere à origem marcada por um tempo e por um espaço geográfico e cultural de um povo. A aceitação do mito, no caso da comunidade em questão, ocorre ou é percebida quando faz parte da identidade do homem de Maués: seja o ribeirinho, o caboclo, ou mesmo o indígena, que revivem a sua origem em entes sobrenaturais e, que, de alguma forma, interferem na realidade presente influenciando no comportamento das pessoas.

Partindo então da explicação do mito, deve-se estabelecer a relação do mito com a identidade. Como um todo, podemos considerar que o mito está inserido na cultura de um povo, se assim não fosse, não teria nenhuma importância. Por sua vez, é através da cultura que se estabelece a relação entre mito e identidade. “Afirma-se cada vez mais a consciência de que se trata de uma dimensão configurada do humano em níveis profundos, no nível pessoal e coletivo” (CANDAU, 1995, 2).

⁵ Função Ideológica – Cf. www.infoescola.com/filosofia/origem-e-funcao-do-mito – explicação sobre a origem e a forma das coisas, suas funções e finalidade, os poderes do divino sobre a natureza e os homens. ... Organizar – o **mito** organiza as relações sociais, de modo a legitimar e determinar um sistema complexo de permissões e proibições

A identidade cultural estaria constituída, para Hall (1977), por aqueles aspectos de nossas identidades que surgem de nossa pertença, as culturas étnicas, raciais, linguísticas, religiosa, e acima de tudo, nacional (HALL, 1977, p. 8). O mito seria, então, a manifestação desse sentimento de pertença mencionado pelo autor acima mencionado.

Assim, com o olhar reflexivo sobre a identidade cultural maueense nos Mitos Mawé e Mundurucus, a mesma está apoiada na herança cultural deixada pelas duas sociedades indígenas. Ainda Loureiro reforça que:

O homem simboliza onde quer que ele esteja e, com isso, atualiza e enriquece as relações com a realidade. Mas nenhum homem simboliza somente para si mesmo. E nem a partir apenas de si mesmo. Simboliza ou cria apoiado em uma herança cultural local e universal. Há uma relação intercorrente da criatividade individual com esses conjuntos de valores materiais e espirituais universais que se acumulam no trajeto antropológico do indivíduo em sua prática histórico-social. Em consequência, ele vai ativando o processo dinamizador do conjunto de relações da sociedade em geral. Relações das pessoas consigo mesmas na conquista pessoal do ser; das pessoas em si, que é a prática social do conviver; das pessoas com as coisas, que é a dimensão do fazer; ou de criar na particularidade da arte, uma utopia objetivada; das pessoas com a cultura, que é o sentido de conhecer numa visão integradora, uma vez que a cultura é o englobante contextual lúdico dessas relações sociais. (LOUREIRO. 2008, p. 32).

O município de Maués deve orgulhar-se de herdar das sociedades Mawé e Munduruku os traços culturais que fortalecem a identidade sociocultural de seu povo. Monteiro (1977) enaltece esse pertencimento, afirmando que a população da sede municipal (Cidade de Maués) se orgulha e com razão de pertencer àqueles aguerridos e atléticos Mundurucu /Mawé e a região toda ainda é conhecida por Mundurucânia.

Portanto não podemos negar essa ligação cultural das Sociedades Mawés e Mundurucus através de seus Mitos com a população Maueense, revelando assim a importância da Mitologia indígena para a manutenção da identidade cultural do Município.

METODOLOGIA

A natureza da pesquisa é qualitativa, haja vista a impossibilidade de compreender por meio de dados estatísticos fechados, fenômenos como o sobrenatural voltado para a percepção e subjetividade na literatura, pois a pesquisa qualitativa preocupa-se “com o aprofundamento

da compreensão de um grupo social, de uma organização, etc”. (GERHADT & SILVEIRA 2009, p.31).”

O trabalho é de cunho bibliográfico, visto que “a pesquisa bibliográfica é desenvolvida com base em material já elaborado” (GIL, 2008, p. 44), contribuindo com o desenvolvimento do estudo proposto. Tendo como objeto da pesquisa as narrativas da História do Guaraná (Nunes Pereira, 2003) e As Serpentes que roubaram a noite (Daniel Minduruku, 2001).

O método de abordagem escolhido foi o fenomenológico, pois parte das questões culturais e históricas, levando em conta a análise das narrativas que não se caracterizam por significados fechados. Culler (1999) justifica que a fenomenologia busca evitar o problema de separação entre o sujeito e o objeto, o que possibilita o pesquisador atingir as metas estabelecidas para a solução do problema. No caso dos Mitos em questão (Guaraná – Mawé e Serpentes que criaram a noite Munduruku) os autores Pereira e Munduruku deixam entrever suas percepções desses elementos por intermédio dos mitos analisados, visto que a percepção “[...] fenomenologicamente pensada abre espaço para que a coisa percebida apareça (FEIJOO & MATTAR, 2014, p. 445).”

Como método de procedimento utilizou-se a análise de conteúdo com bases nas narrativas dos Mawés e Mundurukus publicada pelos autores não-indígena e indígena. Marconi & Lakatos (2013) justificam que a análise do conteúdo leva em consideração as significações do conteúdo, o que possibilita uma melhor compreensão do sobrenatural, pois esse método de procedimento “se aplica à análise de textos escritos ou de qualquer comunicação (oral, visual, gestual).” (CHIZZOTTI, 2006, p. 98). São aspectos que se manifestam na literatura indígena brasileiro e principalmente Amazonense, fortemente influenciada pelos mitos e lendas advindas das histórias orais que enfocam o campo mitológico.

ANÁLISE DE DADOS

Os mitos cosmogônicos relatam a origem do universo e também de qualquer outra coisa que se dá a partir da criação do universo. Os mitos cosmogônicos são a base que sustenta todos os demais mitos. Assim, os mitos de origem de todas as outras coisas são extensões do mito cosmogônicos que servem como modelos para os demais mitos de origem. Tal ideia é de fácil compreensão ao vermos que a criação do ser humano ou qualquer saga mítica se passa num universo que foi criado. Por isso, mostrar a importância dos Mitos Indígenas Mawé e Munduruku que contribuíram na formação da população do município de Maués é relevante para manutenção da identidade cultural dos maueense.

Assim, o Mito do Guaraná dos índios Mawé e Criação da Noite dos Mundurucus, dentro dessa perspectiva categórica, é cosmogônico, pois relata a origem de uma planta sagrada e de uma manifestação da natureza. Pereira (2003) nos evidencia isso no mito do Guaraná dizendo, arrancou-lhe, depois o olho direito (filho índio) e plantou-o. Desse olho nasceu o guaraná verdadeiro.

O mito Munduruku (2001), por sua vez, nos mostra que a onça arrancou a bolsa das mãos de Karu Bempô, pulou as urzes e abriu-a e uma densa escuridão caiu sobre a selva, surpreendendo a todos.

Sendo assim os mitos cosmogônicos contam como o mundo foi criado e os demais mitos de origem contam como o mundo foi modificado. Os mitos cosmogônicos como o Guaraná dos Mawés e Origem da Noite dos Mundurucus tratam da criação, por isso, reviver tais mitos e também os mitos de origem permitem à psique humana um retorno à origem de tudo e atuam como uma possibilidade de renascimento.

O que os maueenses sabem sobre o Mito da Origem do produto publicado por Pereira (1954) é baseado nos relatos orais dos Sateré Mawé, que contam que anteriormente numa época imemorial existiu o Nusokén (espécie de sítio encantado) onde viviam três irmãos Ikuamã, Okuamató (homens) e Onhiámuaçábê (mulher). A jovem não tinha marido e os irmãos não queriam que ela se casasse com homem, animal ou planta que gerasse filhos, mas Onhiámuaçábê engravidou-se de uma serpente, nascendo um menino que foi morto a mando dos tios. A mãe, como tinha poderes mágicos, jurou dar continuidade a vida do filho e enterrou o olho direito e o cadáver da criança em solo sagrado onde tempos depois nascia o Guaraná e ressuscitaria um menino, primeiro índio Mawé, a origem da tribo.

A História ou Mito das Serpentes que criaram a noite dos Mundurucus, encontrada na obra de Daniel Munduruku (2001), também é desconhecida no contexto da comunidade de Maués. Essa história relata que num tempo primordial existiu um Guerreiro Karu Bempô que foi escolhido pela tribo para ir ao Reino das Serpentes para conseguir libertar a Noite em troca de veneno usado nas flechas Mundurucus. E após idas e vindas ao Reino das Serpentes Karu Bempô conseguiu um saco contendo uma Longa Noite em troca de veneno que serviria para todas as serpentes. O guerreiro conseguiu a tão sonhada noite para o descanso da tribo e dos animais.

Para os Sateré-Mawé, segundo Figueroa (2016.p 56) o seu *Waraná* nativo é memória e promessa de navegação segura ao longo do tempo, na comunidade de Maués o Guaraná é um produto comercial e também fonte inspiradora dos artistas maueenses mostrado por meios do artesanato, pinturas, músicas e outras manifestações que enaltecem o mesmo em suas criações

artísticas no período da Festa do Guaraná ou durante o ano. Os maueenses tem a oportunidade durante a realização da Festa Guaranazeira de assistir apresentações cênicas teatrais sobre a Mitologia desse fruto que faz a cidade tão famosa no contexto Amazônico, pois quando se fala no Guaraná, logo associa ou liga ao Município de Maués, habitat natural desse fruto cultivado pelos Saterés e pelos brancos.

Com base nas análises feitas no material coletado, os mitos do “Guaraná” dos Mawés e das “Serpentes que criaram a noite” dos Mundurucus, apresentam aspectos simbólico e ideológico. No primeiro temos o Guaraná dos Mawés como símbolo que representa a cidade e influencia as manifestações artísticas e culturais do município, bem como características peculiares herdadas dos mundurucus manifestadas na energia serena e indômita dos moradores mauenses. No segundo mito, o aspecto ideológico é revelado na identidade cultural maueense evidenciado no Mito dos Mundurucus por meio na altivez e bravura do personagem Karu Bempô, virtudes essas herdadas pelos moradores da cidade, mencionada na obra de Araújo Lima em “Amazônia – A Terra e o Homem” (1933).

Descendentes, netos dos Mundurucus, aqueles caboclos resguardam-se da influência assimiladora das correntes de colonizadores. Guardam as suas características próprias. Atenuaram a selvageria indiana, transmutando-a em energia serena indômita. São altivos, reservados, valentes, briosos, cheio de um orgulho mudo e sobranceiro: combatentes e guerreiros. (pgs 270 -271)).

Outra categoria identificada nos dois mitos é a etiológica. O Mito Etiológico explica a origem das pessoas, dos animais, dos lugares e das coisas, pesquisa as causas por que se constituíram as tradições, procurando em especial encontrar episódios que justifiquem normas. Para o Mawés, o Guaraná é o primeiro grande tuxaua, a gênese da etnia, “Ela abriu a sepultura e dali saiu uma criança que foi o primeiro índio Maué e deu assim a origem da tribo Sateré Mawé”. (PEREIRA. 2003. pg.136).

No Mito Munduruku, um fato um tanto curioso, mas de importância que nos faz concluir a respeito de ser Etiológico é o caso das serpentes que anteriormente não eram venenosa e sabendo que eles tinham veneno que utilizavam nas flechas de caça, Surucucu sugeriu uma troca:” – Conversei com as outras serpentes a esse respeito e decidimos que trocaríamos uma noite longa por uma jarra cheia daquele veneno que teu povo coloca na flechas”. (MUNDURUKU. 2001.p 32).

Os dois mitos enfocam um pouco da Ancestralidade do Povo Maueense ligada às duas etnias, costumes e tradições. Todo mito de origem conta e justifica uma situação nova, quando, por exemplo, o homem se deparou pela primeira vez com o fogo, se recorreu a narrativas míticas para explicar esse acontecimento. O mito traduz-se numa justificação da existência, fundando o temporal no intemporal, constituindo um princípio da integralidade, “[...] que satisfaz por esse recurso a uma prioridade ontológica, uma verdade que lhe antecede em valor” (GUSDORF, 1980, p. 34).

Através do processo de contar, ler, ouvir as narrativas, possibilita as gerações mais jovens à compreensão do tempo primordial e trazem para si como realidades, fazendo viver, na imaginação, os acontecimentos que lhe foram narrados, isso contribui para a formação da identidade do homem como e onde ele vive, claro que isso só é possível com a aceitação e identificação desse homem com todos esses valores transmitidos e com o lugar onde vive.

Partindo então da explicação do mito, deve-se estabelecer a relação do mito com a identidade. Como um todo, pode-se considerar que o mito está inserido na cultura de um povo, se assim não fosse, não teria nenhuma importância. Por sua vez, é através da cultura que se estabelece a relação entre mito e identidade. “Afirma-se cada vez mais a consciência de que se trata de uma dimensão configurada do humano em níveis profundos, no nível pessoal e coletivo” (CANDAUI, 1995, 2). A identidade cultural estaria constituída, para Hall (1977), por aqueles aspectos de nossas identidades que surgem de nossa pertença, as culturas étnicas, raciais, linguísticas, religiosas, e acima de tudo, nacional (HALL, 1977, p. 8). O mito seria, então, a manifestação desse sentimento de pertença mencionado pelo autor.

O acervo cultural garante ao homem contemporâneo maueense acesso ao conhecimento das gerações passadas que, ao ser registrado, inicialmente de modo oral, vai recebendo acréscimos pela influência dos vários povos, das várias raças. Na passagem entre as gerações, conservar-se a exemplaridade da narrativa, que se traduz na história da origem de algo, cujo valor cultural é inigualável, por se tratar de experiências primeiras do homem na sua relação com a natureza e com o seu semelhante.

A questão da identidade maueense se dá na medida da importância e do significado dos mitos, criando uma especificidade do referido povo. É, portanto da aceitação dos mitos do Guaraná e Origem da noite, que se estabelece ou ocorre à influência no homem e conseqüentemente ao seu comportamento, dando-lhe, um caráter sagrado, que se refere à origem marcado por um tempo e por um espaço geográfico e cultural de um povo. A aceitação do mito, no caso de Maués, ocorre ou é percebida quando faz parte da identidade do homem maueense: seja o ribeirinho, o caboclo, ou mesmo o índio, que revivem a sua origem em entes sobrenaturais e, que, de alguma forma, interferem na realidade presente influenciando no comportamento das pessoas.

Como narrativas de um acontecimento primordial, os mitos do Guaraná Mawé e Origem da Noite Munduruku são considerados formadores e ordenadores do comportamento do povo que é herdeiro dessa cultura mítica, no sentido de explicar a realidade atual através da explicação do tempo primordial, com o objetivo de satisfazer necessidades religiosas e as aspirações morais. É pela importância que se dá ao mito que se estabelece seu caráter sagrado. Um fato essencial para a existência social, sendo retratado através de uma história sagrada, portanto, uma história verdadeira, porque sempre se refere à realidade ou explicação dela e estabelece também uma relação de identidade com as pessoas que vivem naquele tempo e espaço geográfico. Ambos os mitos (Guaraná e Origem da noite), por sua vez, fazem parte do mito cosmogônico que justifica a existência do mundo. O mito cosmogônico é verdadeiro porque o mundo está aí para prová-lo (ELIADE, 1992).

Portanto, temos duas narrativas, o Guaraná com mais evidência na vida e no cotidiano dos Maueenses, revelados na cultura, na História e na arte. Por sua vez o Da Criação da Noite, embora a etnia Munduruku, tenha contribuído nos primeiros anos da formação cultural da cidade, seus mitos são pouco conhecidos pela Comunidade do Município, porém, são importantíssimos no sentido preservá-los, tendo em vista que a população maueense é descendente dessa etnia indígena e sua identidade cultural é bastante ligada a mesma.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O mito traduz-se numa justificação da existência, fundando o temporal no intemporal, constituindo um princípio da integralidade, através do processo de contar, ler, ouvir as narrativas. Ele possibilita às gerações mais jovens, a compreensão do tempo primordial e trazem para si como realidades, fazendo viver, na imaginação, os acontecimentos que lhe foram narrados. Isso contribui para a formação da identidade do homem como e onde ele vive, claro que isso só é possível com a aceitação e identificação desse homem com todos esses valores transmitidos e com o lugar onde vive.

O caso de Maués, os Mitos do Guaraná dos Mawés e Criação da Noite dos Mundurukus influenciam fortemente no cotidiano e na cultura da comunidade Maueense, os quais são revelados através das manifestações artísticas, culturais e folclóricas, sem falar do comportamento e personalidade herdada das duas sociedades étnicas. Sendo que as mesmas após a restauração da antiga aldeia de Magueses, sucedida por Uacituba e Luséa conforme menciona Reis (1934), tiveram efetiva participação na formação cultural da população do município que herdou o nome de uma das etnias formadoras, os Mawés (que significa, papagaio falante e inteligente), ora também herdou dos Mundurukus, cuja altivez e bravura foi

transmutada em energia indômita e serena, revelada nas manifestações sociais e políticas do município.

Sem dúvidas, a população do Município de Maués deve ser orgulhar e com razão de pertencer aos aguerridos atléticos indígenas Mawé/Munduruku, descritos pelos cronistas e exploradores da Amazônia, que eloquentemente enaltecem espírito brioso, guerreiro e valente, herdado pela hospitaleira população Maueense.

Portanto, mostrar a importância dos Mitos indígenas aqui abordados garante a manutenção e preservação da identidade cultural da Comunidade do Município de Maués, ligada a esses povos que mesmo após os mais quinhentos anos de invasão e exploração da região, mantém preservada parte de sua identidade, cultura e memória, que devem ser estudadas para justamente manter essa identidade, consolidando o sentimento de pertencimento da comunidade herdeira desse patrimônio.

REFERÊNCIAS

KRÜGER, Marcos Frederico. **Amazônia: Mito e Literatura**. 2ª ed. – Manaus: Editora Valer/ Governo do Estado do Amazonas, 2005.

PEREIRA, Nunes. **Os índios Maués**. /Nunes Pereira. 2ª ed. rev. Manaus: Editora Valer e Governo do Estado do Amazonas, 2003.

CANDAU, Vera Maria (org). **Sociedade, Educação e Cultura**. Petrópolis. RJ. Vozes. 2002.

CHIZZOTTI, Antonio. **Pesquisa em ciências humanas e sociais**. 8. ed. São Paulo: Cortez, 2006.

BENJAMIN, W. O narrador. In: BENJAMIN, W. **Magia e técnica, arte e política**. Tradução de Paulo Sérgio Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1987a. (Obras Escolhidas. v. 1.)

MUNDURUKU, Daniel. **As Serpentes que roubaram a noite e outros Mitos**. São Paulo: Peirópolis, 2001.

CAMPBELL, Joseph, 1904-1987. **O poder do mito** / Joseph Campbell, com Bill Moyers ; org. por Betty Sue Flowers ; tradução de Carlos Felipe Moisés. -São Paulo: Palas Athena, 1990.

ALBUQUERQUE, Renan. Artigo Científico: **Rezas e Rituais entre os Sateré Mawé 2: Guaraná e Tradição**. Publicado em [www.amazoniareal.com.br /rezas-e-rituais-entre-os-saterémawe-2-guaraná](http://www.amazoniareal.com.br/rezas-e-rituais-entre-os-sateremawe-2-guarana/).

HALL, Stuart. **A Identidade Cultural na Pós-Modernidade**. Rio de Janeiro. DP&A 1997.

ROCHA, Everardo, **O que é mito**. 5. ed. São Paulo: Brasiliense. 1991.

FARACO, Raphael. **Maués – Terra, gente e memórias**. Manaus: Editora Valer, 2006.

ELIADE, Micea. **Mito e Realidade**. São Paulo, 1972.

FINLEY, M. I. **Uso e abuso da história**. Livraria Martins Fontes Editora LTD, São Paulo, 1989.

FEIJOO, Ana Maria Lopes Calvo; MATTAR, Cristine Monteiro. A Fenomenologia como método de investigação nas filosofias da existência e na psicologia. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**. Rio de Janeiro, v. 30, n. 4, p. 441-447, Out-Dez, 2014.

GERHARDT, Tatiana Engel. SILVEIRA, Denise Tolfo. **Métodos de pesquisa**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

LOUREIRO, João de Jesus Paes. **A arte como encantaria da linguagem**. São Paulo: Escrituras Editora, 2008.

PRODANOV, Cleber Cristiano; FREITAS, Ernani Cesar de. **Metodologia do Trabalho Científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico**. 2ª ed. Editora Feevale, Novo Hamburgo, 2013.

GUSDORF, George. *Mito e Metafísica*. São Paulo. Convívio. 1980.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

MOREIRA, D. A. **O Método Fenomenológico na Pesquisa**. São Paulo: Thompson Pioneira, 2002.

REIS, Arthur Cezar Ferreira. *Manáos e outras Villas*. Manáos, Amazonas 1935.

FIGUEROA, ALBA Lucy Geraldí. **Artigo - A Guaraná do Tempo dos Saterés Mawés. Brasília – jan – abr. 2016. Disponível em: www.scielo.br/scielo.php?pid=S1981-812220**

LÉVI-STRAUSS, Claude. **Mito e significado**. Lisboa: Edições 70, 1989.
MUSSI, Vanderléia P. L; CALDERONI, Valéria. A. M. O. **Culturas e História dos Povos Indígenas**. 5º Módulo. Desconstruindo Preconceitos sobre os Povos Indígenas. Editora UFMS, Campo Grande, 2014.

MARCONI, Mariana de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Metodologia do trabalho científico**. 7.ed. São Paulo: Atlas, 2013.

CULLER, Jonathan. **Teoria literária: uma introdução**. trad. Sandra Vasconcelos. São Paulo: Beca Produções Culturais Ltda, 1999.

NUNES, Benedito. *O tempo na narrativa*. São Paulo: Ática, 2000.

UGGÉ, Enrique. **As bonitas histórias Sateré-Mawé**. Manaus: Secretaria da Educação e Cultura do Amazonas, 1993.